

Artigos, Substantivos e Adjetivos

LINGUAGENS,
CÓDIGOS E SUAS
TECNOLOGIAS

Competência(s):
1 e 8

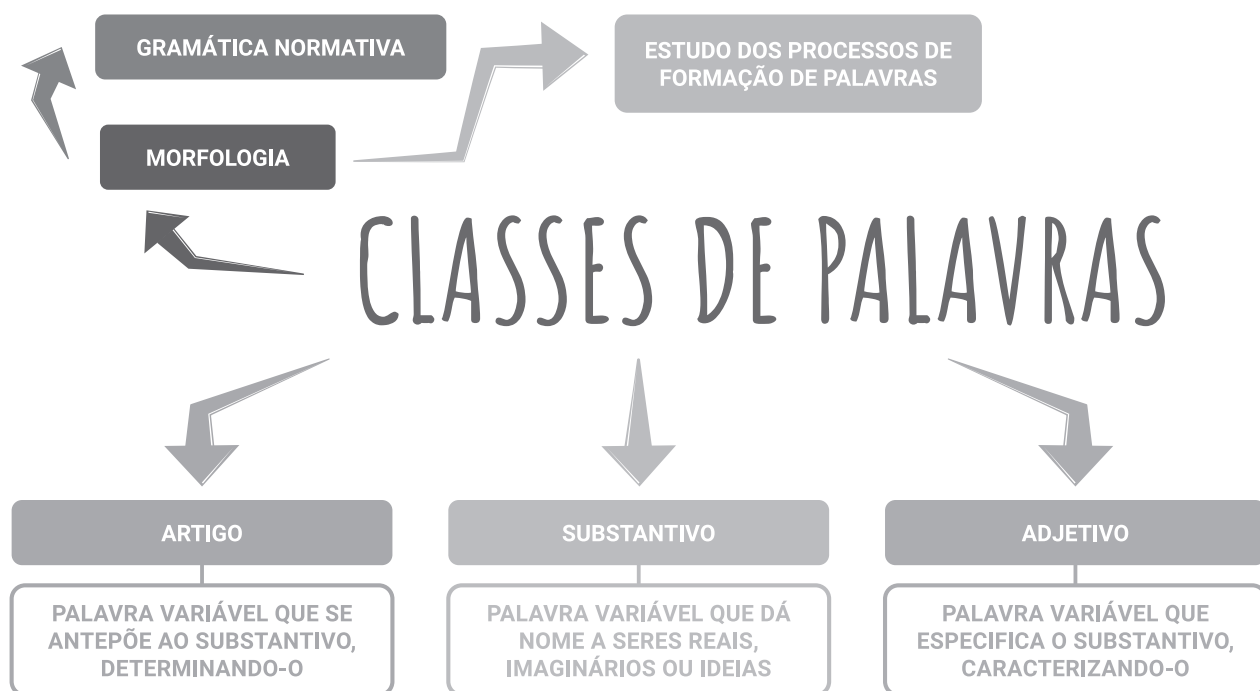
Habilidade(s):
1, 2, 3, 4, 26 e 27

AULAS
3 E 4

VOCÊ DEVE SABER!

- | | |
|---|--|
| - Artigo | - Classificação de substantivos |
| - Artigo combinado com preposições | - Flexão dos substantivos |
| - Artigo aplicado ao texto | - Número |
| - Artigo como marcador de quantidade | - Gênero |
| - Artigo como marcador de convívio/intimidade | - Grau |
| - Artigo marcando conhecimento ou desconhecimento de substantivos | - Adjetivo |
| - Artigo como particularizador ou generalizador | - Nomes substantivos e nomes adjetivos |
| - Artigo como marcador de coerência textual | - Flexão do adjetivo |
| - Substantivo | - Grau dos adjetivos |

MAPEANDO O SABER



ANOTAÇÕES



EXERCÍCIOS DE SALA

1. (UNESP 2021) Assim como a língua de um povo, os genes são representados por um código de letras. No código genético, as letras referem-se às iniciais das bases nitrogenadas que, combinadas em uma sequência específica, compreendem um significado químico relativo a uma proteína. Analise a sequência de letras na oração a seguir.

A tua gata Cuca ataca a cacatua Cacau.

Nessa oração, as palavras formadas integralmente por letras que se referem a bases nitrogenadas encontradas no DNA pertencem às seguintes classes gramaticais:

- a) preposição, pronome e verbo.
- b) artigo, pronome e substantivo.
- c) artigo, substantivo e verbo.
- d) preposição, substantivo e adjetivo.
- e) artigo, adjetivo e verbo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija¹ um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar, e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem. Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(*Raízes do Brasil*, 2014. Adaptado.)

¹ erigir: erguer.

2. (FCMSCSP 2021) O sentido do termo que qualifica o substantivo na expressão “generosa amplitude” (2º parágrafo) aproxima-se daquele que também qualifica o substantivo em
- a) “processos intermediários” (1º parágrafo).
 - b) “esforço lento” (3º parágrafo).
 - c) “projetos vastos” (2º parágrafo).
 - d) “distinção fundamental” (1º parágrafo).
 - e) “máximo proveito” (3º parágrafo).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Meu ideal seria escrever...

Rubem Braga

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “ai meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria – “mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para cara do outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – “por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!” E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina.”

E quando todos me perguntassem – “mas de onde é que você tirou essa história?” – eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

Fonte: As cem melhores crônicas brasileiras/ Joaquim Ferreira dos Santos, organização e introdução. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Com base no texto, responda às questões que se seguem.

3. (EFOMM 2022) Assinale a opção em que a mudança da posição do adjetivo ao lado do substantivo vai implicar uma alteração de sentido daquele.
- [...] *que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse [...]*.
 - [...] *se lembrasse do alegre tempo de namoro [...]*.
 - [...] *seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.*
 - [...] *foi com certeza algum anjo tagarela que a contou [...]*.
 - [...] *mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres [...]*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

FELICIDADE CLANDESTINA

Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saúde”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando-me mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Com base no texto acima, **responda** à(s) questão(ões) a seguir.

4. (EFOMM 2016) Assinale a opção em que a expressão sublinhada **NÃO** tem valor de adjetivo.
- (...) *continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.*
 - (...) *o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife.*
 - (...) *entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai.*
 - Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho.*
 - (...) *eu nadava devagar num mar suave (...)*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Cineclube em SP realiza feira de trocas mensalmente

¹No último domingo (7), a associação Cineclube Socioambiental Crisantempo, localizada na Vila Madalena, bairro da zona oeste de São Paulo, realizou uma feira em que os moradores puderam trocar objetos entre si. ²A iniciativa busca incentivar o consumo ³consciente e levar para o espaço o conceito de economia solidária.

⁴A feira de trocas acontece uma vez por mês, sempre aos domingos. O grupo aconselha levar livros, roupas, CDs, DVDs, aparelhos eletrônicos, brinquedos, objetos de decoração, objetos em geral que estejam em bom estado. Segundo os organizadores, o objetivo é “promover um espaço de reflexão sobre o consumo, trocar diversos tipos de objetos, saberes e sabores”. Por isso, também podem ser levados alimentos e plantas, além de “serviços e saberes”. Tudo para a troca de ideias e divulgação de utilidades.

O evento funciona da seguinte maneira: ⁵cada um coloca seus bens num local e utiliza uma etiqueta com seu nome. Após a organização dos espaços pessoais, os participantes circulam para conhecer os espaços dos outros e ⁶num determinado momento (ao tocar do sino) começam as trocas.

⁷O espaço também promove o desapego através da doação. Há uma área destinada apenas para doar objetos às instituições que necessitam. Para finalizar, acontece um lanche ⁸compartilhado com alimentos levados pelos próprios participantes. ⁹Uma ¹⁰experiência colaborativa agradável, que questiona o ¹¹individualismo imposto nas grandes cidades.

Fonte: <http://ciclovivo.com.br/noticia/cineclube-em-sp-realiza-feira-de-trocas-mensalmente/>. Acesso em 03/10/2016.

5. (G1 - CP2 2017) “No último domingo (7), a associação Cineclube Socioambiental Crisantempo, localizada na Vila Madalena, bairro da zona oeste de São Paulo, realizou **uma** feira em que os moradores puderam trocar objetos entre si.” (referência 1)

“**A** feira de trocas acontece uma vez por mês, sempre aos domingos.” (referência 7)

Em relação aos artigos sublinhados nas duas passagens do texto, pode-se dizer que

- na primeira, usou-se o artigo definido para apresentar um elemento, e depois se usou o indefinido para retomar esse elemento.
- na primeira, usou-se o artigo indefinido para apresentar um elemento, e depois se usou o definido para retomar esse elemento.
- nas duas passagens, usou-se o artigo indefinido para não determinar o elemento sobre o qual se está falando.
- Nas duas passagens, usou-se o artigo definido para retomar a um elemento citado anteriormente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o seguinte trecho de uma entrevista concedida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa:

Entrevistador: - O protagonismo do STF dos últimos tempos tem usurpado as funções do Congresso?

Entrevistado: - Temos uma Constituição muito boa, mas excessivamente detalhista, com um número imenso de dispositivos e, por isso, suscetível a fomentar interpretações e toda sorte de litígios. Também temos um sistema de jurisdição constitucional, talvez único no mundo, com um rol enorme de agentes e instituições dotadas da prerrogativa ou de competência para trazer questões ao Supremo. É um leque considerável de interesses, de visões, que acaba causando a intervenção do STF nas mais diversas questões, nas mais diferentes áreas, inclusive dando margem a esse tipo de acusação. Nossas decisões não deveriam passar de duzentas, trezentas por ano. Hoje, são analisados cinquenta mil, sessenta mil processos. É uma insanidade.

Veja, 15/06/2011.

6. **(FUVEST)** No trecho “dotadas da prerrogativa ou de competência”, a presença de artigo antes do primeiro substantivo e a sua ausência antes do segundo fazem que o sentido de cada um desses substantivos seja, respectivamente,
- a) figurado e próprio.
 - b) abstrato e concreto.
 - c) específico e genérico.
 - d) técnico e comum.
 - e) lato e estrito.

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Pesquisadores detectam pela primeira vez oplásticos no sangue humano

¹Um estudo holandês relatou pela primeira vez, mas com uma amostra reduzida, a ²presença de ³microplásticos no sangue humano, ⁴descoberta que levanta dúvidas sobre uma eventual penetração dessas partículas nos órgãos.

Os autores do estudo, publicado nesta quinta-feira na *Environment International*, ⁵analisaram ⁶amostras de sangue de 22 doadores anônimos, todos voluntários com boa saúde, e ⁷encontraram microplásticos em 17 deles.

Metade das amostras continha vestígios de PET (polietileno tereftalato), um dos plásticos mais usados no mundo, principalmente na fabricação de garrafas e fibras de poliéster. Mais de um terço tinha poliestireno, usado, entre outras coisas, em embalagens de alimentos, e um quarto, polietileno.

“Pela primeira vez, conseguimos detectar e quantificar” esses microplásticos no sangue humano, declarou Dick Vethaak, ecotoxicologista da universidade livre de Amsterdã. “Isso prova que temos plástico em nosso corpo, e não deveríamos”, disse à AFP.

⁸De acordo com o estudo, os microplásticos detectados puderam entrar no corpo por múltiplas vias: aéreas, aquáticas ou por meio da comida ou de produtos de higiene e cosméticos. “É ⁹cientificamente provável que partículas de sangue possam ser transportadas para os órgãos através do sistema sanguíneo”, observaram os autores.

O estudo foi financiado pela Organização Holandesa para a Pesquisa e o Desenvolvimento em Saúde e pela Common Seas, ONG ambiental com sede no Reino Unido que busca reduzir a poluição por plástico.

¹⁰Para Alice Horton, especialista em contaminantes ¹¹antropogênicos do ¹²centro britânico de ¹³oceanografia, “apesar da pequena amostra e das baixas concentrações detectadas”, os métodos analíticos do estudo são “muito robustos”. ¹⁴“Este estudo ajuda a mostrar que as partículas de plástico não estão presentes apenas no meio ambiente, mas também em nossos corpos. ¹⁵As consequências a longo prazo ainda não são bem conhecidas”, disse ao Science Media Center.

Disponível em: <https://www.opovo.com.br/> Acesso em 25 de março de 2022.

1. (UECE 2022) Observe a sequência de artigos indefinidos, utilizada pelo autor no seguinte trecho: “Um estudo holandês relatou pela primeira vez, mas com **uma** amostra reduzida, a presença de microplásticos no sangue humano, descoberta que levanta dúvidas sobre **uma** eventual penetração dessas partículas nos órgãos.” (ref. 1). Esse uso denota a intenção de
- mostrar novos estudos sobre o microplástico e desvalorizar outros estudos sobre o assunto.
 - reforçar que os elementos já foram citados e são de conhecimento mútuo dos interlocutores.
 - associar as ações do autor em relação aos estudos e enfatizar o livre acesso do leitor por meio de objetos já reconhecidos.
 - abordar o estudo de forma generalizada, uma vez que o objeto ainda não foi devidamente apresentado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

E a indústria de alimentos na pandemia?

O editorial da edição de 10 de junho do *British Medical Journal*, assinado por professores da *Queen Mary University of London*, na Inglaterra, propõe uma reflexão tão interessante que vale provocá-la entre nós, aqui também: a pandemia de *Covid-19* deveria tornar ainda mais urgente o combate à outra pandemia, a de obesidade. O excesso de peso, por si só, já é um fator de risco importante para o agravamento da infecção pelo *Sars-CoV 2*, como lembram os autores. A probabilidade de uma pessoa com obesidade severa morrer de *Covid-19* chega a ser 27% maior do que a de indivíduos com obesidade grau 1, isto é, com um índice de massa corporal entre 30 e 34,9 quilos por metro quadrado, de acordo com a plataforma de registros *OpenSAFELY*.

O editorial cita uma série de outros dados e possíveis razões para a associação entre a má evolução de certos casos de *Covid-19* e a obesidade. No entanto, o que mais destaca é o ambiente obesogênico que o novo coronavírus encontrou no planeta.

Nos Estados Unidos e no Reino Unido, para citar dois exemplos, entre 65% e 70% da população apresentam um peso maior do que o recomendado para o bem da saúde. E, assim, os autores apontam o dedo para a indústria de alimentos que, em sua opinião, em todo o globo não parou de promover produtos ultraprocessados, com muito açúcar, uma quantidade excessiva de sódio e gorduras além da conta.

A crítica do editorial é mesmo cortante: “Fica claro que a indústria de alimentos divide a culpa não apenas pela pandemia de obesidade como pelos casos mais graves de *Covid-19* e suas consequências devastadoras”, está escrito.

E os autores cobram medidas, lembrando que o confinamento exigido pela *Covid-19* aparentemente piorou o estado nutricional das pessoas, em parte pela falta de acesso a alimentos frescos, em outra parte porque o pânico fez muita gente estocar itens ultraprocessados em casa, já que esses costumam ter maior vida de prateleira, inclusive na despensa.

Mas o que deixou os autores realmente desconfortáveis foram as ações de *marketing* de algumas marcas nesses tempos desafiadores. Todas, claro, querendo demonstrar o seu envolvimento com iniciativas de responsabilidade social, mas dando tiros que, para olhos mais atentos, decididamente saíram pela culatra. Por exemplo, quando uma indústria bem popular na Inglaterra distribuiu nada menos do que meio milhão de calóricos *donuts* para profissionais na linha de frente do *National Health Service* britânico.

A impressão é de que as indústrias de alimentos verdadeiramente preocupadas com a população, cada vez mais acometida pela obesidade, deveriam aproveitar a crise atual para botar a mão na consciência, parar de promover itens pouco saudáveis e reformular boa parte do seu portfólio. As mortes por *Covid-19* dão a pista de que essa é a maior causa que elas poderiam abraçar no momento.

Fonte: Adaptado de <https://abeso.org.br/e-a-industria-de-alimentos-na-pandemia>.
Publicado em 30 de junho de 2020. Acessado em 09 Mar 21.

GLOSSÁRIO: O termo “ambiente obesogênico” foi criado pelo professor de Bioengenharia da Universidade da Califórnia, nos EUA, Bruce Blumberg. Segundo ele, são os Obesogênicos os responsáveis por contribuir no ganho de peso sem que o indivíduo tenha consciência de que está engordando.

2. (ESPCEX (AMAN) 2022) Em “As mortes por *Covid-19* dão a pista de que essa é a maior causa que elas poderiam abraçar no momento”, são classificados como substantivos os seguintes vocábulos:
- mortes – *Covid-19* – pista – maior.
 - Covid-19* – pista – maior – causa.
 - mortes – essa – causa – momento.
 - Covid-19* – pista – causa – momento.
 - mortes – pista – maior – momento.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Exemplo de gentileza, porteiro que cumprimenta alunos um a um em MT faz sucesso na web após ser filmado por pai de aluna

O porteiro Leônidas Alves Pereira, que trabalha em uma escola particular em Sinop, a 503 km de Cuiabá, ficou famoso nas redes sociais por causa de um vídeo gravado pelo pai de uma aluna, que mostra o trabalhador, no portão, recepcionando os alunos. Ele cumprimenta os estudantes um a um.

Impressionado com a gentileza do porteiro, Gledson Geuda filmou a cena e publicou as imagens na página dele no Facebook.

O pai da aluna disse que fez o vídeo a pedido da filha, que todas as vezes que passa pelo portão é chamada de campeã.

“Eu achei interessante e fiquei reparando. E, naquela manhã, resolvi gravar para mostrar para as outras pessoas que um simples bom dia pode animar o outro”, disse.

O vídeo gravado em uma das entradas da escola já teve quase 6 milhões de visualizações. Leônidas disse que sente prazer em trabalhar na escola e que se sente renovado com o cumprimento que dá a cada criança que passa por ele. É como se alguns anos de vida lhe fossem acrescentados.

“A gente não cansa, né? Quanto mais você dá bom dia para uma criança ou um adolescente, parece que você sente mais renovado. É uma coisa muito boa”, disse Leônidas.

Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/02/08/exemplo-de-gentileza>. Acesso em: 28 jan. 2019.

3. (G1 - IFMT 2020) A exemplo da palavra “visualizações” (5º parágrafo), que representa o plural de “visualização”, e considerando que nem todas as palavras terminadas em “ão” são flexionadas da mesma forma, assinale a alternativa que contém **INADEQUAÇÃO** quanto ao plural dos substantivos previsto na norma culta.
- limão – limões; alemão – alemães.
 - região – regiões; nação – nações.
 - coração – corações; pão – pães.
 - religião – religiões; órfão – órfãos.
 - cidadão – cidadãos; irmão – irmãos.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

O ARRASTÃO

Estarrecedor, nefando, inominável, infame. Gasto logo os adjetivos porque eles fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem. Uma trabalhadora brasileira, descendente de escravos, como tantos, que cuida de quatro filhos e quatro sobrinhos, que parte para o trabalho às quatro e meia das manhãs de todas as semanas, que administra com o marido um ganho de mil e seiscentos reais, que paga pontualmente seus carnês, como milhões de trabalhadores brasileiros, é baleada em circunstâncias não esclarecidas no Morro da Congonha e, levada como carga no porta-malas de um carro policial a pretexto de ser atendida, é arrastada à morte, a céu aberto, pelo asfalto do Rio.

Não vou me deter nas versões apresentadas pelos advogados dos policiais.¹Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos. Mas, antes das versões, o fato é que esse porta-malas, ao se abrir fora do *script*, escancarou um real que está acostumado a existir na sombra.

O marido de Cláudia Silva Ferreira disse que, se o porta-malas não se abrisse como abriu (por obra do acaso, dos deuses, do diabo), esse seria apenas “mais um caso”.²Ele está dizendo: seria uma morte anônima,³ aplainada pela surdez da “praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras.

⁵É uma imagem verdadeiramente surreal, não porque esteja fora da realidade, mas porque destampa, por um “acaso objetivo” (a expressão era usada pelos ⁶surrealistas), uma cena ⁷recalcada da consciência nacional, com tudo o que tem de violência naturalizada e corriqueira, tratamento degradante dado aos pobres, estupidez elevada ao cúmulo, ignorância bruta transformada em trapalhada ⁸transcendental, além de um índice grotesco de métodos de camuflagem e desaparecimento de pessoas. ⁹Pois assim como ¹⁰Amarildo é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Cláudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo.

O acaso da queda de Cláudia dá a ver algo do que não pudemos ver no caso do desaparecimento de Amarildo. A sua passagem meteórica pela tela é um desfile do carnaval de horror que escondemos. ¹¹Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.

José Miguel Wisnik

Adaptado de oglobo.globo.com, 22/03/2014.

³ **aplainada** – nivelada

⁴ **praxe** – prática, hábito

⁶ **surrealistas** – participantes de movimento artístico do século 20 que enfatiza o papel do inconsciente

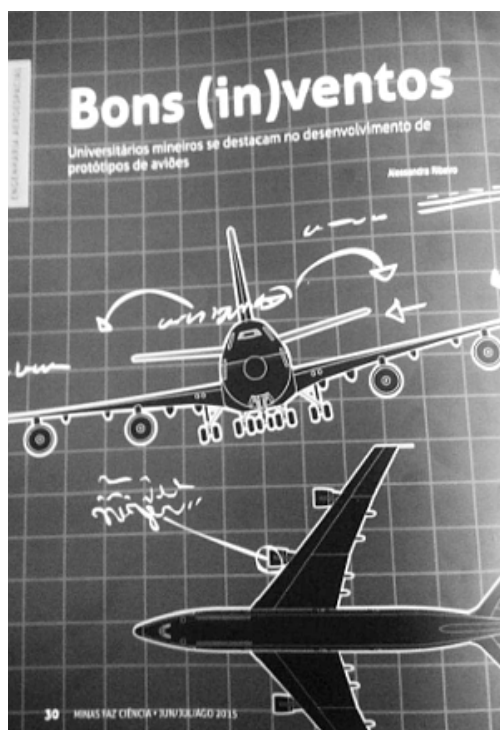
⁷ **recalcada** – fortemente reprimida

⁸ **transcendental** – que supera todos os limites

¹⁰ **Amarildo** – pedreiro desaparecido na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, em 2013, depois de ser detido por policiais

4. (UERJ 2015) No início do texto, ao expressar sua indignação em relação ao tema abordado, o autor apresenta uma reflexão sobre o emprego de adjetivos. Essa reflexão está associada à seguinte ideia:
- o fato exige análise criteriosa
 - o contexto constrói ambiguidade
 - a linguagem se mostra insuficiente
 - a violência pede descrição cuidadosa

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Bons (in)ventos

Universitários mineiros se destacam no desenvolvimento de protótipos de aviões

Alessandra Ribeiro

“Urrú! É pão de queijo!”. O grito de comemoração tornou-se recorrente na premiação do campeonato anual promovido nos Estados Unidos pela Sociedade de Engenheiros da Mobilidade (SAE, na sigla em inglês), a *Aerodesign East Competition*. O desafio consiste em projetar e construir aeronaves radiocontroladas, com capacidade de transportar cargas. Na última edição, encerrada em março, com a participação de 75 grupos das Américas, da Ásia e da Europa, duas equipes mineiras alcançaram o segundo lugar, em diferentes categorias: a Uirá, da Universidade Federal de Itajubá (Unifei), na classe “regular”, e a Trem Ki Voa, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), na “micro”.

Instituições mineiras de ensino superior figuram anualmente na lista de vencedores da competição desde 2006, quando o primeiro e o segundo lugares da classe “regular” ficaram, respectivamente, com as equipes Uai-So-Fly, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Tucano, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pouco antes, em 2004, o grupo CEAV-UAV, também da UFMG, havia conquistado o vice-campeonato. Nessa categoria, os participantes devem construir aeronaves com dimensões totais de, no máximo, 4,45 metros, capazes de decolar na distância máxima de 61 metros, com o uso de motores elétricos limitados à potência de 1000 watts. O uso de materiais compostos – como fibra de carbono ou vidro – é vetado na estrutura dos aviões.

Já na classe “micro”, os protótipos devem ter dimensões reduzidas e pesar, em média, 700 gramas. Além disso, a equipe precisa transportar a aeronave dentro de um tubo de 15,3 centímetros de diâmetro. Quanto menor o comprimento do tubo, mais pontos são ganhos. As aeronaves também têm de usar motores elétricos e decolar por lançamento manual. Foi nesta categoria que a Trem Ki Voa (TKV), da UFSJ, subiu pela primeira vez no pódio da *Aerodesign East Competition*.

A equipe micro teve sua participação iniciada em 2010, por iniciativa de estudantes do curso de Engenharia Mecânica. “De lá para cá, participamos de todas as competições, sendo vice-campeões nacionais em 2012 e 2014 e vice-campeões mundiais em 2015”, conta o professor Cláudio Pellegrini, orientador do grupo, que conta com o apoio do Programa Santos Dumont, da FAPEMIG. O edital batizado com o nome do “pai da aviação”, natural de Minas Gerais, estimula o espírito empreendedor de alunos de graduação, por meio do financiamento de projetos focados em iniciação tecnológica. O apoio financeiro abrange a participação de equipes em competições de caráter educacional, como as promovidas pela SAE.

A TKV é “filha caçula” da equipe regular da UFSJ, a Coiote, criada em 2001. Três anos mais tarde, as duas se unificaram e decidiram adotar a alcunha Trem Ki Voa, uma referência (ou reverência) ao dialeto mineiro. Os nomes das equipes, aliás, demonstram o nível de criatividade dos participantes. Na mesma universidade, a NoizAvua, que reúne estudantes das engenharias Civil, Mecatrônica e de Telecomunicações do campus Alto Paraopeba, estreou em 2012 na SAE Brasil *Aerodesign*, competição brasileira que garante a classificação ao desafio internacional. Já na primeira participação, o grupo recebeu menção honrosa por apresentar o melhor projeto não custeado. Desde então, já conseguiu patrocínios pontuais, um deles também viabilizado pelo programa da FAPEMIG.

“Para esses estudantes, o projeto e a construção de uma aeronave de carga não tripulada controlada a distância é uma oportunidade única de testar seus conhecimentos, de modo a desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe e integrar os conhecimentos adquiridos ao longo das várias unidades curriculares, por vezes tão distintas, de seu curso”, avalia Cláudio Pellegrini (...). O professor ressalta que isso vale, inclusive, para os estudantes sem formação específica em aeronáutica – caso das equipes da UFSJ. “A participação também desenvolve a autonomia no aprendizado, característica essencial em um mercado de trabalho em constante mudança”, acrescenta.

Fonte: MINAS FAZ CIÊNCIA, jun/jul/ago de 2015. P. 31-2.

5. (UFJF-PISM 2 2016) Releia a frase:

“Na última edição, encerrada em março, com a participação de 75 grupos das Américas, da Ásia e da Europa, duas equipes mineiras alcançaram o segundo lugar, em diferentes categorias: a Uirá, da Universidade Federal de Itajubá (Unifei), na classe “regular”, e a Trem Ki Voa, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), na “micro”.”

Na frase acima, “micro” exerce a função de adjetivo. Entretanto, não está explícito o substantivo que ele qualifica, que seria:

- classe.
- avião.
- edição.
- grupo.
- equipe.

6. (UFMG-ADAPTADA) As expressões em negrito correspondem a um adjetivo, exceto em:

- João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.
- Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
- Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
- Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
- E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Uma esperança

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica que tantas vezes verifica-se ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.

Houve o grito abafado de um de meus filhos:

– Uma esperança! e na parede, bem em cima de sua cadeira! – Emoção dele também que unia em uma só as duas esperanças, já tem idade para isso. Antes surpresa minha: esperança é coisa secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber, e não acima de minha cabeça numa parede. Pequeno rebuliço: mas era indubitável, lá estava ela, e mais magra e verde não podia ser.

– Ela quase não tem corpo – queixei-me.

– Ela só tem alma – explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa que ele falava das duas esperanças.

Ela caminhava devagar sobre os fiapos das longas pernas, por entre os quadros da parede. Três vezes tentou renitente uma saída entre dois quadros, três vezes teve que retroceder caminho.

Custava a aprender.

– Ela é burrinha – comentou o menino.

– Sei disso – respondi um pouco trágica.

- Está agora procurando outro caminho, olhe, coitada, como ela hesita.
- Sei, é assim mesmo.
- Parece que esperança não tem olhos, mamãe, é guiada pelas antenas.
- Sei - continuei mais infeliz ainda.

Ali ficamos, não sei quanto tempo olhando. Vigiando-a como se vigiava na Grécia ou em Roma o começo de fogo do lar para que não apagasse.

- Ela se esqueceu de que pode voar, mamãe, e pensa que só pode andar devagar assim.

Andava mesmo devagar - estaria por acaso ferida? Ah não, senão de um modo ou de outro escorreria sangue, tem sido sempre assim comigo.

Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Não uma aranha, mas me parecia 'a' aranha. Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus, queríamos menos que comê-la. Meu filho foi buscar a vassoura. Eu disse fracamente, confusa, sem saber se chegara infelizmente a hora certa de perder a esperança:

- É que não se mata aranha, me disseram que traz sorte...

- Mas ela vai esmigalhar a esperança! - respondeu o menino com ferocidade.

- Preciso falar com a empregada para limpar atrás dos quadros - falei sentindo a frase deslocada e ouvindo o certo cansaço que havia na minha voz. Depois devaneei um pouco de como eu seria sucinta e misteriosa com a empregada: eu lhe diria apenas: você faz o favor de facilitar o caminho da esperança.

O menino, morta a aranha, fez um trocadilho com o inseto e a nossa esperança. Meu outro filho, que estava vendo televisão, ouviu e riu de prazer. Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo.

Mas como é bonito o inseto: mais pousa que vive, é um esqueletinho verde, e tem uma forma tão delicada que isso explica por que eu, que gosto de pegar nas coisas, nunca tentei pegá-la. Uma vez, aliás, agora é que me lembro, uma esperança bem menor que esta pousara no meu braço. Não senti nada, de tão leve que era, foi só visualmente que tomei consciência de sua presença. Encabulei com a delicadeza. Eu não mexia o braço e pensei: "e essa agora? que devo fazer?" Em verdade nada fiz. Fiquei extremamente quieta como se uma flor tivesse nascido em mim. Depois não me lembro mais o que aconteceu. É, acho que não aconteceu nada.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

7. (G1 - CFTMG 2018) Analise as seguintes afirmativas:

- I. No título da crônica, o artigo indefinido indica, ao mesmo tempo, uma singularidade e uma indefinição.
- II. No trecho "Não uma aranha, mas me parecia 'a' aranha", a mudança de artigo tem função intensificadora.
- III. No trecho "Encabulei com a delicadeza", o artigo pode ser suprimido sem alterar o sentido da frase.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) I, II e III.

8. (ESPCEX (AMAN) 2016) Assinale a única opção em que a palavra "a" é artigo.

- a) Hoje, ele veio *a* falar comigo.
- b) Essa caneta não é *a* que te emprestei.
- c) Convenci-*a* com poucas palavras.
- d) Obrigou-me *a* arcar com mais despesas.
- e) Marquei-te *a* frente, mísero poeta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Gerundismo - evite esse vício de linguagem

Tanto se tem falado a respeito de gerundismo, que já há quem tenha prática sobre o uso do gerúndio. Há até quem pergunte se o gerúndio não é mais usado ou se é errado o seu emprego. Então, antes que se comece a tomar o certo pelo duvidoso e o errado pelo certo, vamos nos lembrar de algumas regras gramaticais.

Começemos pelo significado da palavra "gerúndio". Se procurarmos as definições nas gramáticas em uso, encontraremos, geralmente, a seguinte explicação: "Gerúndio é uma das formas nominais do verbo que apresenta o processo verbal em curso e que desempenha a função de adjetivo ou advérbio".

Ele apresenta-se de duas formas. A simples (Ex.: Chegando a hora da largada, a luz verde acendeu) e a composta (Ex.: Tendo chegado ao fim da corrida, o carro foi recolhido ao boxe).

O gerúndio expressa uma ação que está em curso ou que ocorre simultaneamente ou, ainda, que remete a uma ideia de progressão. Sua forma nominal é derivada do radical do verbo acrescida da vogal temática e da desinência -ndo. Exemplos: comendo; partindo.

Veja, a seguir, o uso do gerúndio na prática:

E a lama desceu pelo morro, destruindo tudo que encontrava pela frente.

Rindo, ele se lembrava com saudades dos dias felizes que tivera.

Abrindo o laptop, começou a escrever.

“Caminhando sozinho aquela noite pela praia deserta, fiz algumas reflexões sobre a morte” (Erico Veríssimo, Solo de Clarineta, p. 12).

Como vimos nos exemplos, o gerúndio pode ser empregado de diferentes maneiras em nossa língua sem que tenhamos praticado nenhuma hereesia. Já com o gerundismo é outra história. Nesse caso, trata-se do uso inadequado do gerúndio. Um vício de linguagem que se alastrou de modo tão corriqueiro e insistente que até já virou piada.

Então, se você usa expressões como: “Vou estar pesquisando seu caso” ou “Vou estar completando sua ligação”, mude imediatamente sua fala para: “Vou pesquisar seu caso” e “Vou completar sua ligação”. Note que, nos dois casos, você passa a usar somente duas formas verbais (“vou” + “pesquisar” ou “vou” + “completar”) no lugar de três. Além disso, a ideia temporal a ser transmitida é a de futuro e não de presente em curso.

O gerundismo, portanto, é uma mania que peca pelo excesso, pela inadequação do verbo, que ocorre ao transformarmos, desnecessariamente, um verbo conjugado em um gerúndio.

(Fonte: UOL. Adaptado. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/gerundismo-evite-esse-vicio-de-linguagem.htm>> Acesso em: 20 jan. 2019).

9. (G1 - IFMT 2020) Do fragmento “Caminhando sozinho aquela noite pela praia deserta [...]”, só **NÃO** podemos afirmar que:
- “sozinho” é um substantivo.
 - “aquela” é um pronome demonstrativo.
 - “noite” é um substantivo.
 - “pela” é uma preposição.
 - “deserta” é um adjetivo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

amora

a palavra amora
seria talvez menos doce
e um pouco menos vermelha
se não trouxesse em seu corpo
(como um velado esplendor)
a memória da palavra amor

a palavra amargo
seria talvez mais doce
e um pouco menos acerba
se não trouxesse em seu corpo
(como uma sombra a espreitar)
a memória da palavra amar

Marco Catalão, *Sob a face neutra*.

10. (FUVEST 2020) Tal como se lê no poema,
- a palavra “amora” é substantivo, e “amargo”, adjetivo.
 - o verbo “amar” ameniza o amargor da palavra “amargo”.
 - o substantivo “corpo” apresenta sentido denotativo.
 - o substantivo “amor” intensifica o dulçor da palavra “amora”.
 - o verbo “amar” e o substantivo “amor” são intercambiáveis.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Momento

Adélia Prado

Enquanto eu fiquei alegre,
permaneceram um bule azul com um
descascado no bico,
uma garrafa de pimenta pelo meio,
um latido e um céu ¹límpidíssimo
com recém-feitas estrelas.

Resistiram nos seus lugares, em seus ofícios,
constituindo o mundo pra mim, anteparo
para o que foi um acometimento:
súbito é bom ter um corpo pra rir
e sacudir a cabeça. A vida é mais tempo
alegre do que triste. Melhor é ser.

PRADO, Adélia. In: *A Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 2014 [1979], p.54.

11. (UECE 2022) Sobre a palavra “límpidíssimo” (ref. 1), é correto afirmar que está escrita no grau superlativo absoluto
- analítico do adjetivo límpido.
 - sintético do adjetivo límpido.
 - analítico do adjetivo límpido.
 - sintético do adjetivo límpido.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O plagiável sucesso internacional da música popular brasileira

Acusação de plágio do sucesso 'Mulheres', cantado por Martinho da Vila, atravessa a pré-divulgação do novo álbum de Adele

JOANA OLIVEIRA

São Paulo - 17 OCT 2021 - 12:20 BRT

Foi o lendário guitarrista e compositor de jazz Pat Metheny - que trabalhou com nomes como Milton Nascimento, Jaques Morelenbaum e Paulinho Braga - quem disse que a música popular brasileira “pode ter sido a última do mundo a ter uma harmonia sofisticada”. Metheny, ganhador de 20 Grammys ao longo de sua carreira, é um dos muitos artistas internacionais que se encantou pela música do Brasil das décadas de 1960 e 1970, uma das mais estudadas em academias e universidades mundo afora, e incorporou suas referências nas próprias composições. Foi o que também fez Greg Krustin, igualmente premiado produtor musical, que estudou MPB em Nova York e hoje trabalha com estrelas como Paul McCartney, Pink e Adele. É ao lado da diva inglesa, inclusive, que ele agora responderá a um processo por plágio: o sambista Toninho Geaes, compositor de hinos cantados nas vozes de Zeca Pagodinho, Diogo Nogueira, Martinho da Vila e outros, acusa ambos de copiar quase integralmente a melodia de *Mulheres* (sucesso gravado por Martinho em 1995) com sotaque britânico no *single Million years ago*, lançado em 2015 como parte do álbum 25.

A disputa de propriedade intelectual suscitada pelo suposto plágio atravessou a pré-divulgação do novo trabalho de Adele, depois de um hiato de seis anos: a cantora, que lançará em 19 de novembro seu quarto disco, intitulado *30*, viu-se obrigada a silenciar os comentários de fãs em suas redes sociais depois que brasileiros passaram a enviar uma enxurrada de mensagens em suas publicações e *lives* cobrando um posicionamento sobre a acusação de cópia. De momento, tanto ela quanto Greg Krustin têm se mantido em silêncio.

“Esse silêncio é uma estratégia de escapismo”, diz Fredímio Biasotto Trotta, advogado de Toninho Geaes, que enviou duas notificações extrajudiciais a Adele, à gravadora britânica XL Recording, à Sony Music, e a Krustin em fevereiro deste ano. Em nota, a Sony afirma que “o assunto está atualmente nas mãos da XL Recordings [dona do fonograma] e da própria Adele”, já que a gravadora foi apenas distribuidora do *single* no Brasil, por meio de um contrato já expirado. Já a XL Recording ainda não se pronunciou. “Por isso, estamos reunindo provas para ingressar com uma ação na justiça britânica, onde os juízes costumam ser rigorosos em casos como esse”, afirma Trotta, que trabalha há três décadas na área e também é músico desde os 11 anos.

O advogado não informa, no entanto, o valor da ação a ser ajuizada. As notificações solicitam que Adele e Krustin informem a receita com a vendagem do álbum em que consta *Million years ago*, bem como os dados de monetização da música em plataformas de *streaming* — o álbum *Tá delícia, tá gostoso*, de Martinho da Vila, no qual aparece a faixa *Mulheres*, foi um recorde para o mercado brasileiro da época, chegando a vender 1,5 milhão de cópias, de acordo com os dados da Columbia Records. O compositor Toninho Geaes não gostaria, no entanto, de chegar às vias jurídicas de fato e se contentaria com a inclusão de seu nome nos créditos de composição de *Million years ago*. “Só quero defender meu legado musical”, diz.

O próprio Geaes soube da surpreendente similaridade entre as canções graças a Misael da Hora, filho de Rildo Hora, autor do arranjo de *Mulheres* e colaborador dos maiores sambistas brasileiros. “Ele comentou comigo achando se tratar de uma versão autorizada em inglês, e aí eu tomei um susto”, conta. A perícia musical levantada por seu advogado identificou 88 compassos idênticos, similares ou com pequenas variações entre as duas canções, além de trechos iguais da introdução, refrão e o final de ambas as músicas.

“A música brasileira é muito visada nesse sentido porque é muito referenciada e estudada internacionalmente, principalmente a MPB das décadas de sessenta e setenta, mas, em geral, todas as melodias até o início dos anos noventa”, comenta Trotta. Quiçá um dos casos mais emblemáticos nesse sentido seja o de Jorge Ben Jor, que em 1979 iniciou um processo de indenização contra Rod Stewart pelo plágio da música *Taj Mahal* (lançada cinco anos antes) no refrão de *Da you think I'm sexy?*. Stewart admitiu publicamente o plágio em 2012, classificando-o como um “ato inconsciente” em suas memórias intituladas *Rod – The Autobiography*.

[...]

O advogado Caio Mariano, especialista em direito autoral e propriedade intelectual, considera, no entanto que casos como esses não chegam a ser comuns. “Afinal, existem também coincidências na música, então é preciso provar o dolo, a vontade e a intenção de copiar algo para poder acusar alguém de plágio”, diz. “Algo que acontece muito é o uso não autorizado de músicos como Tim Maia, Arthur Verocai, entre outros, que têm uma obra muito rica. Na gênese de gêneros como o hip hop e o rap, por exemplo, está a cultura de *samplear* canções. O problema é quando fazem isso sem a devida autorização, sem se preocupar se estão violando as regras autorais”, continua.

Na disputa de Toninho Geraes *versus* Adele, Mariano diz que “há, sim, uma semelhança muito gritante na harmonia, no tempo e na estrutura das canções”. O advogado destaca que a lei brasileira acompanha as convenções internacionais de direitos autorais e que essas situações de conflitos são geralmente resolvidas extrajudicialmente, com acordos e negociações. Resta saber se esse será o caminho trilhado quando a voz de Adele e seu produtor romperem o silêncio.

Fonte: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-17/o-plagiavel-sucesso-internacional-da-musica-popular-brasileira.html>, acesso em 04/11/2021 às 18h16.

12. (UFJF-PISM 1 2022) O sufixo “-ável”, geralmente, forma adjetivos a partir de verbos. Por exemplo, ajustar/ajustável; perdoar/perdoável, indicando capacidade, habilidade, possibilidade, entre outros sentidos.

Sobre o uso do adjetivo “plagiável”, no título do texto, é correto afirmar que o autor do texto:

- defende que a música brasileira é mais suscetível ao plágio quando comparada a outras de menor qualidade e de maior sucesso.
- incentiva a apropriação indevida da música brasileira, cujas melodias são muito visadas e referenciadas internacionalmente.
- indica a possibilidade de realização de plágio internacional das músicas brasileiras, por vezes inconscientemente, pelo fato de serem amplamente conhecidas e estudadas.
- justifica a prática de plágio por artistas e produtores musicais estrangeiros que se encantam com a música popular brasileira.
- minimiza a gravidade do plágio, tendo em vista o sucesso da música brasileira entre artistas internacionais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O ARRASTÃO

Estarrecedor, nefando, inominável, infame. Gasto logo os adjetivos porque eles fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem. Uma trabalhadora brasileira, descendente de escravos, como tantos, que cuida de quatro filhos e quatro sobrinhos, que parte para o trabalho às quatro e meia das manhãs de todas as semanas, que administra com o marido um ganho de mil e seiscentos reais, que paga pontualmente seus carnês, como milhões de trabalhadores brasileiros, é baleada em circunstâncias não esclarecidas no Morro da Congonha e, levada como carga no porta-malas de um carro policial a pretexto de ser atendida, é arrastada à morte, a céu aberto, pelo asfalto do Rio.

Não vou me deter nas versões apresentadas pelos advogados dos policiais.¹Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos. Mas, antes das versões, o fato é que esse porta-malas, ao se abrir fora do *script*, escancarou um real que está acostumado a existir na sombra.

O marido de Cláudia Silva Ferreira disse que, se o porta-malas não se abrisse como abriu (por obra do acaso, dos deuses, do diabo), esse seria apenas “mais um caso”.²Ele está dizendo: seria uma morte anônima,³aplainada pela surdez da “praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras.

⁵É uma imagem verdadeiramente surreal, não porque esteja fora da realidade, mas porque destampa, por um “acaso objetivo” (a expressão era usada pelos ⁶surrealistas), uma cena ⁷recalcada da consciência nacional, com tudo o que tem de violência naturalizada e corriqueira, tratamento degradante dado aos pobres, estupidez elevada ao cúmulo, ignorância bruta transformada em trapalhada ⁸transcendental, além de um índice grotesco de métodos de camuflagem e desaparecimento de pessoas. ⁹Pois assim como ¹⁰Amarildo é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Cláudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo.

O acaso da queda de Cláudia dá a ver algo do que não pudemos ver no caso do desaparecimento de Amarildo. A sua passagem meteórica pela tela é um desfile do carnaval de horror que escondemos. ¹¹Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.

José Miguel Wisnik

Adaptado de oglobo.globo.com, 22/03/2014.

³ **aplainada** – nivelada

⁴ **praxe** – prática, hábito

⁶ **surrealistas** – participantes de movimento artístico do século 20 que enfatiza o papel do inconsciente

⁷ **recalcada** – fortemente reprimida

⁸ **transcendental** – que supera todos os limites

¹⁰ **Amarildo** – pedreiro desaparecido na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, em 2013, depois de ser detido por policiais

13. (UERJ 2015) **Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.** (ref. 11)

A sequência do emprego dos artigos em “de um Brasil” e “do Brasil” representa uma relação de sentido entre as duas expressões, intimamente ligada a uma preocupação social por parte do autor do texto.

Essa relação de sentido pode ser definida como:

- ironia
- conclusão
- causalidade
- generalização

14. (EEAR 2022) Avalie as afirmações entre parênteses sobre os substantivos em destaque.

- Das toalhas do **enxoval** não se via mais sinal do bordado. (Coletivo: conjunto de objetos de noivas, de estudantes, etc.)
- Ver a pequenina **borboleta** era símbolo de casamento à vista. (Sobrecumum: usado somente no feminino.)
- Para o ator, interpretar cada **personagem** é sempre um desafio. (Classifica-se como masculino e feminino.)
- O público tem glamorizado os **vilões** de novelas. (Outra forma de plural é **vilãos**.)

Está correto o que se afirma em

- I, III e IV.
- I, II, III, e IV.
- II e IV apenas.
- III e IV apenas.

15. (UNISINOS 2022) Analise a charge abaixo. Em seguida, assinale V nas afirmações verdadeiras ou F nas falsas.



Disponível em: <<https://blogdoaftm.com.br/charge-movimento-terraplanista/>>
Acesso em: 30 out. 2021.

- O emprego do adjetivo “chata”, na segunda fala, produz dois sentidos: o sentido de plana e o sentido de enfadonha, tediosa.
- Na segunda fala, o operador argumentativo “na verdade” indica a versão considerada verdadeira, que se contrapõe à versão apresentada na primeira fala.
- Por meio da charge, o cartunista defende uma posição contrária ao terraplanismo, avaliado negativamente por meio da expressão “esse papo”.
- O uso do pronome pessoal reto “ela” como complemento do verbo “deixando” não segue as regras da gramática normativa, que prevê o uso do pronome oblíquo nessa posição (está deixando-a). Neste gênero textual, porém, o emprego de “ela” é adequado, pois ilustra o uso da variante normalmente empregada em uma situação de comunicação informal.

A sequência correta, de cima para baixo, é

- F - V - F - F.
- V - F - V - V.
- V - V - V - V.
- V - F - F - V.
- F - F - V - V.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A identidade e a diferença: o poder de definir

A identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. (...) A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder.

Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; são disputadas.

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais simetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas.

Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”).

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído.

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. (...) Os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder: dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. O processo de classificação é central na vida social.

Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações.

As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.

A mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas. O filósofo francês Jacques Derrida analisou detalhadamente esse processo. Para ele, as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. “Nós” e “eles”, por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, “étnica” é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.

Na medida em que é uma operação de diferenciação, de produção de diferença, o anormal é inteiramente constitutivo do normal. Assim como a definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do “dentro”. A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é parte ativa da formação da identidade.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-75.

http://ead.uces.br/orientador/turmaA/Acervo/web_F/web_H/file.2007-09-10.5492799236.pdf

16. (UFJF 2011) Leia o fragmento a seguir:

“A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade”. (penúltimo parágrafo)

No trecho destacado, qual é o efeito de sentido determinado pelo uso dos artigos indefinido e definido acima negritos?

17. (UEL 2020) Leia o texto sobre a origem da palavra “alvo” e responda aos itens a seguir.

ALVO - Adjetivo que significa “claro, branco”. Mas por que o adjetivo se tornou substantivo, com os significados de “ponto a que se dirige o tiro”, “ponto de convergência” ou “fim a que se dirigem desejos ou ações”? Nos estandes de tiros, usados para treinamento ou competição, usa-se um desenho de vários círculos concêntricos, com os maiores contendo os menores. De acordo com uma versão bastante difundida, o nome passou a ser usado porque o principal objetivo do atirador é acertar o círculo menor, o único que é inteiramente branco, ou alvo. Em português, alvo é sinônimo de branco, mas somente alvo tem o significado de “meta”. [...] Um dos termos relacionados com alvo é “álbum” [*album*, em latim], que na Roma antiga designava um painel branco onde eram afixados avisos de juízes e pretores. Hoje, “álbum” designa livro onde são coladas, entre outras peças, assinaturas, fotografias, poemas, letras de músicas etc.

BUENO, M. *A origem curiosa das palavras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 18.

- a) Com base no texto, é correto afirmar que “alvo” deixou de ser adjetivo para ser substantivo? Explique.
b) Segundo o texto, o que aproxima e o que afasta “album” de “álbum”?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base um poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Fuga

De repente você resolve: fugir.
Não sabe para onde nem como
nem por quê (no fundo você sabe
a razão de fugir; nasce com a gente).

É preciso FUGIR.
Sem dinheiro sem roupa sem destino.
Esta noite mesmo. Quando os outros
estiverem dormindo.
Ir a pé, de pés nus.
Calçar botina era acordar os gritos
que dormem na textura do soalho¹.

Levar pão e rosca; para o dia.
Comida sobra em árvores
infinitas, do outro lado do projeto:
um verdor
eterno, frutescente (deve ser).

Tem à beira da estrada, numa venda.
O dono viu passar muitos meninos
que tinham necessidade de fugir
e compreende.
Toda estrada, uma venda
para a fuga.

Fugir rumo da fuga
que não se sabe onde acaba
mas começa em você, ponta dos dedos.
Cabe pouco em duas algibeiras²
e você não tem mais do que duas.
Canivete, lenço, figurinhas
de que não vai se separar
(custou tanto a juntar).
As mãos devem ser livres
para pesos, trabalhos, onças
que virão.

Fugir agora ou nunca. Vão chorar,
vão esquecer você? ou vão lembrar-se?
(Lembrar é que é preciso,
compensa toda fuga.)
Ou vão amaldiçoá-lo, pais da Bíblia?
Você não vai saber. Você não volta
nunca.
(Essa palavra nunca, deliciosa.)
Se irão sofrer, tanto melhor.
Você não volta nunca nunca nunca.
E será esta noite, meia-noite.
em ponto.

Você dormindo à meia-noite.

(*Menino antigo*, 1973.)

¹soalho: o mesmo que “assoalho”.

²algibeira: bolso de roupa.

18. (UNESP 2015) Identifique uma forma verbal e um substantivo que, bastante retomados ao longo do poema, ilustram seu tema. Em seguida, valendo-se dessa informação, explique a oposição entre o último verso e o restante do poema.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Antiguidades (fragmento)

Quando eu era menina
bem pequena,
em nossa casa,
certos dias da semana
se fazia um bolo,
assado na panela com um ¹testo de ²borralho em
cima.

Era um bolo econômico,
como tudo, antigamente.
Pesado, grosso, pastoso.
(Por sinal que muito ruim.)

Eu era menina em crescimento.
Gulosa,
abria os olhos para aquele bolo
que me parecia tão bom
e tão gostoso.

A gente mandona lá de casa
cortava aquele bolo
com importância.
Com atenção.
Seriamente.
Com vontade de comer o bolo todo.
Era só olhos e boca e desejo
daquele bolo inteiro.

Minha irmã mais velha
governava. ³Regrava.
Me dava uma fatia,
tão fina, tão delgada...
E fatias iguais às outras ⁴manas.
E que ninguém pedisse mais!
E o bolo inteiro,
quase intangível,
se guardava bem guardado,
com cuidado,
num armário, alto, fechado,
impossível.

(Cora Coralina. *Melhores poemas*. 2 ed. São Paulo: Global Ed.,
2004.)

Vocabulário:

¹**testo**: camada;

²**borralho**: brasido coberto de cinzas; cinzas quentes, rescaldo;

³**regrar**: traçar linhas ou regras sobre;

⁴**mana**: irmã;

19. (G1 - CP2 2013) Na terceira estrofe, o eu lírico caracteriza a si mesmo, quando criança, por meio de um adjetivo.

- a) Transcreva esse adjetivo.
b) Copie o verso por meio do qual o eu lírico justifica essa sua característica.

20. (UNICAMP 2012) Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público. Se a celebridade “x” está saindo com o ator “y”, isso não tem nenhum interesse público. Mas, dependendo de quem sejam “x” e “y”, é de enorme interesse do público, ou de um certo público (numeroso), pelo menos.

As decisões do Banco Central para conter a inflação têm óbvio interesse público. Mas quase não despertam interesse, a não ser dos entendidos.

O jornalismo transita entre essas duas exigências, desafiado a atender às demandas de uma sociedade ao mesmo tempo massificada e segmentada, de um leitor que gravita cada vez mais apenas em torno de seus interesses particulares.

(Fernando Barros e Silva, O jornalista e o assassino. *Folha de São Paulo* (versão on line), 18/04/2011. Acessado em 20/12/2011.)

- a) A palavra *público* é empregada no texto ora como substantivo, ora como adjetivo. Exemplifique cada um desses empregos com passagens do próprio texto e apresente o critério que você utilizou para fazer a distinção.
b) Qual é, no texto, a diferença entre o que é chamado de *interesse público* e o que é chamado de *interesse do público*?

GABARITO

1. D 2. D 3. E 4. C 5. A
6. B 7. A 8. E 9. A 10. D
11. D 12. C 13. D 14. A 15. C

16.

Enquanto o artigo indefinido expressa uma ideia genérica de pluralidade, sugerindo que a identidade normal representa uma entre outras identidades (uma parte do todo), o artigo definido, delimitando o nome, sugere a ideia de singularidade, de tal modo que a identidade normal é caracterizada como um padrão único e “natural”.

17.

- a) Não. A palavra *ALVO* existe tanto como adjetivo (com o significado de “branco”) quanto como substantivo (com o significado de “meta”). Segundo o texto, o que antes era somente adjetivo passou a ser também substantivo: antigamente, em competições envolvendo mira, o ponto mais central de um desenho com círculos concêntricos era branco, ou “alvo”; logo, o que antes caracterizava a cor do círculo passou a designar o nome dele e, por extensão, de tudo aquilo que se quer mirar e atingir.
- b) As palavras “album” e “álbum” se aproximam se considerarmos não só o fato de “álbum” ter-se originado de “album”, como também porque ambos são objetos onde se afixam/colam coisas: avisos, peças, assinaturas, fotografias, poemas, letras de músicas. Porém, essas palavras se afastam na medida em que hoje o objeto mudou e não há mais relação com a cor.

18.

Trata-se da forma verbal *fugir* e do substantivo *fuga*. O plano de fuga do menino, descrito de forma intensa ao longo do poema, acaba por não se realizar, já que no último verso, ele dorme tranquilamente, esquecendo o horário para a ação planejada.

19.

- a) O adjetivo que caracteriza o eu lírico é “gulosa”.
- b) O verso “abria os olhos para aquele bolo” justifica a caracterização do eu lírico como guloso, pois “abrir os olhos” é uma expressão que significa ficar admirada com, ou, no caso, desejar comer o bolo.

20.

- a) Na frase “Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público”, a palavra “público” é usada na primeira ocorrência como adjetivo, relacionado com o substantivo “interesse”, e na segunda como substantivo inserido na locução adjetiva “do público”.
- b) O autor usa a expressão “interesse público” para designar toda a coletividade a quem a notícia deve interessar e “interesse do público” com valor restritivo, referindo-se a determinados setores sociais propensos à informação de massa, divulgada em grande escala pela mídia atual.